

Estudo funcional sobre a microconstrução [sabe (-se) lá que] como conector na língua portuguesa contemporânea

Functional study on the microconstruction [sabe (-se) lá que] as a connector in present-day Portuguese language

Nice da Silva RAMOS

Universidade Federal Fluminense
nicesramos1@hotmail.com



Resumo: Investigamos o estatuto da microconstrução [sabe (-se) lá que] utilizada com a função de conector textual na língua portuguesa atual, estabelecendo relações semânticas, além das discursivo-pragmáticas, entre as partes do texto, conforme Koch (2015, 2017). O escopo de atuação do objeto pesquisado não é limitado ao encadeamento de orações como estabelecido pela tradição no tocante à função dos elementos conectores. Conforme Rodríguez (2017), defendemos a existência da sintaxe de unidades superiores à sentença – a macrossintaxe. O aporte teórico utilizado é a Linguística Funcional Centrada no Uso, aliada aos pressupostos da Gramática de Construções. Justificamos essa escolha pelo relevo dado ao uso real da língua, aos aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos nas análises, além da semântica e da pragmática, lócus do uso linguístico, que alimenta a mudança linguística. As instanciações de [sabe (-se) lá que] provêm do *Corpus* do Português NOW, com dados que figuram entre 2012 e 2019. Sobre a frequência *token* de [sabe (-se) lá que], encontramos 25 ocorrências assim distribuídas: [sabe-se lá que], com maior produtividade (24) e [sabe lá que], com menor produtividade (uma). Sintaticamente, verificamos seis posições em que a microconstrução é recrutada, bem como quatro valores semântico-pragmáticos a ela aferidos.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso; construção; conector; [sabe (-se) lá que].

Abstract: We investigated the status of the microconstruction [sabe (-se) lá que] used as a textual connector in the current Portuguese language, establishing semantic relationships, in addition to the discursive-pragmatic ones, between the parts of the text, according to Koch (2015, 2017). Thus, the scope of action of the researched object is not limited to the chain of prayers

as established by tradition regarding the function of connecting elements. According to Rodríguez (2017), we defend the existence of the syntax of units superior to the sentence – the macrosyntax. The theoretical framework used is Usage-Based Functional Linguistics, allied to the assumptions of Grammar of Constructions. We justify this choice by the emphasis given to the real use of the language, the linguistic and extralinguistic aspects involved in the analyses, in addition to semantics and pragmatics, locus of linguistic use, which feeds linguistic change. The occurrences of [sabe (-se) lá que] come from the *Corpus* of Portuguese NOW, with data that appear between 2012 and 2019. About the token frequency of [sabe (-se) lá que], we found 25 occurrences distributed as follows: [sabe-se lá que], with higher productivity (24) and [sabe lá que], with lower productivity (one). Syntactically, we verified six positions in which the researched element is recruited, as well as four semantic-pragmatic values assigned to it.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics; construction; connector; “[sabe (-se) lá que]”.

1 INTRODUÇÃO

Investigamos o uso da microconstrução¹ [*sabe (-se) lá que*] em função conectora na língua portuguesa atual. A análise se volta ao âmbito discursivo, de modo a investigar as variadas manobras discursivas realizadas pelos interlocutores no momento de interação. Dessa forma, não nos limitamos ao viés tradicional de uma análise referente, apenas, às orações complexas e ao chamado período composto – por coordenação e/ou subordinação.

Filiamo-nos à visão funcionalista da linguagem, cujas análises são baseadas em dados de uso efetivo. Nessa perspectiva, é defendido que a força do discurso nas diversas situações interacionais molda as estruturas linguísticas, fazendo emergir novas construções e novos significados, adaptados às necessidades comunicativas.

Furtado da Cunha (2013) assevera que, “se a função mais importante da língua é a contínua interação entre as pessoas, [...], essa função deve, de algum modo, condicionar a forma do código linguístico” (FURTADO DA CUNHA, 2013, p. 174). Assim, os estudos funcionalistas enfatizam a importância do uso de *tokens* empiricamente levantados nas pesquisas científicas, pois, por meio deles, é possível atestar como a língua se estrutura e funciona.

A motivação para essa investigação reside na constatação de que há poucos estudos sobre a variedade de conectores forjados na interação, dentre os quais podemos citar Arena (2015), Rosário e Novo (2018) e Rosário e Sambrana (2021), entre outros.

Apenas os conectores mais canônicos, tratados na sintaxe do período composto, são destacados pela tradição, conforme em Cunha e Cintra (1985), Bechara (2009), Azeredo (2014) e outros e, conseqüentemente, são os mesmos tratados em sala de aula. Nosso objeto é estudado a partir de dados do *Corpus do Português NOW* (Notícias na Web)², contendo cerca de 1,1 bilhão de dados de jornais e revistas da *web* em quatro países de língua portuguesa: Brasil, Portugal, Moçambique e Angola.

Levantamos as propriedades sintáticas, bem como os valores semântico-pragmáticos associados a nosso objeto de estudo, considerando sequências discursivas de característica distensa, de uso mais coloquial. Trata-se de textos retirados da *web*, de domínio jornalístico e variados

¹ Traugott e Trousdale (2021, p. 48) propõem o conjunto mínimo de níveis construcionais: esquemas, subesquemas e microconstruções. As microconstruções são instanciadas no uso e, no discurso, são atualizadas nos constructos.

² Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now>.

gêneros não formais, tais quais: artigo de opinião, crônica, comentário esportivo etc.

Partimos da hipótese de que [sabe (-se) lá que] possui propriedades conectoras no âmbito discursivo, o que vai além da lacônica classificação que, tradicionalmente, é associada aos conectores, mais precisamente ao limite das conjunções. Por isso, acreditamos que esta pesquisa, em fase inicial³, colabora com parte da descrição da gramática do português, especialmente no que tange aos elementos linguísticos responsáveis pela conexão textual.

Nas próximas seções, apresentamos uma breve revisão da literatura, com definições acerca dos conectores da língua portuguesa, a fim de relacionarmos tais definições a [sabe (-se) lá que]. Em seguida, percorremos a fundamentação teórica, assentada na Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), apresentamos os procedimentos metodológicos e a análise de dados e, por fim, concluimos este trabalho com algumas considerações sobre os rumos desta atual pesquisa e as referências bibliográficas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nessa seção, apresentamos alguns conceitos sobre a classe dos elementos de ligação de orações na perspectiva tradicional (conjunções) e na perspectiva das pesquisas funcionalistas (conectores), de modo a relacioná-los com o nosso objeto de estudo. Apresentamos o estatuto verbal de “saber”, as funções do locativo “lá” e a partícula “se”, além do conector “que”, verificando a escolha desses elementos, pelos usuários da língua, na utilização da microconstrução [sabe (-se) lá que] com função conectora.

2.1 As conjunções e os conectores

Assumimos uma visão mais ampla sobre os elementos de coesão textual, citados como conjunções e/ou conectivos pela tradição. Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 529-530), as conjunções são vocábulos gramaticais que relacionam duas orações ou termos que guardam semelhanças e se instanciam na mesma oração, podendo ser coordenativas ou subordinativas.

Savioli e Fiorin (2001, p. 146) abordam os “conectores ou operadores discursivos”, classificando-os conforme as relações que estabelecem junto aos segmentos textuais, vinculados por meio desses itens linguísticos. Essas

³ Esta pesquisa faz parte dos estudos sobre os padrões construcionais instanciados por “saber”, na língua portuguesa contemporânea, empreendidos pela autora.

relações exercem uma função argumentativa no texto. Ou seja, não se limitam a correlacionar, apenas, orações ou termos na mesma oração.

Nossa hipótese central aponta para o uso de [sabe (-se) lá que] como conector não prototípico da língua portuguesa. Assim, justificamos a nossa opção pelo uso do termo “conector”, conforme utilizado em Ramos (2019):

Segundo Souza (2008), em um sentido mais abrangente, entendemos por conector quaisquer expressões linguísticas utilizadas para ligar segmentos maiores ou menores do texto/discurso, estabelecendo relações semânticas. Em determinados casos, esses elementos determinam a orientação argumentativa dos segmentos que introduzem. Além disso, os conectores podem ser representados por palavras gramaticais e por palavras lexicais⁴. (RAMOS, 2019, p. 33).

[Sabe (-se) lá que] é uma expressão linguística atuante no nível da macrossintaxe que, segundo os dados analisados, liga variadas porções textuais, atualizando o discurso conforme a intenção do locutor diante de seu interlocutor, estabelecendo relações semânticas, além das discursivo-pragmáticas, entre as partes do texto. Portanto, o escopo de atuação desse elemento não é limitado ao encadeamento de orações (coordenadas e/ou subordinadas) como estabelecido pela tradição gramatical no tocante à função dos elementos conectores.

Koch (2017, p. 127), sobre as marcas de articulação na progressão do texto, afirma que há elementos responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais, sejam de menor ou maior extensão. Segundo a autora, esses elementos encadeiam períodos, parágrafos, subtópicos, sequências textuais ou partes inteiras do texto.

Vejam os alguns dados que instanciam [sabe(-se) lá que], ilustrando alguns dos diferentes níveis de uso desse elemento, conforme Koch (2017):

a) Introduzindo um sintagma nominal (doravante SN):

- (1) ... # Pobre Sergio, que a um tempo faz-nos contra o catolicismo e a PROSTITUIÇÃO da igreja e a outro quer nos pregar **sabe-se lá que** outra RELIGIÃO. PROSTITUTAS TAMBÉM, mas filiais do CATOLICISMO.
(<http://jonline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/02/05/a-historia-do-brasil-contada-pela-igreja-catolica-269474.php>).

Em (1), [sabe-se lá que] introduz o SN “outra religião” – parte do objeto direto (doravante OD) oracional de “quer” (“nos pregar sabe-se lá que outra religião”). [Sabe-se lá que] está bastante vinculado ao termo que introduz, uma vez que sua inserção amplia o sentido do SN “outra religião”.

⁴ Ou seja, inclusive expressões modalizadoras do discurso.

Se retirado, a orientação argumentativa é afetada, tendo em vista o viés discursivo-pragmático e, portanto, estabelece relação entre as partes do texto.

[Sabe (-se) lá que] modaliza o discurso expressando dúvida/desconfiança ao leitor sobre que tipo de religião será pregada. O locutor calibra o tom de verdade sobre o que vem logo após: "PROSTITUTAS TAMBÉM, mas filiais de o CATOLICISMO".

b) Iniciando orações, integrando-as:

- (2) ..., andam a alojar-se em casas de pessoas que arrendam por poucos dias, afastando as populações autóctones para fora da cidade que sempre povoaram. Devemos estar temerosos daquilo que serão os S. António e S. João do ano que vem, **sabe-se lá que** gentes estarão debaixo do arquinho e que marchas serão entoadas.
(<http://observador.pt/opiniao/o-relatorio-anti-porter/>).

Em (2), [sabe-se lá que] introduz não uma, mas duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas (doravante OSSOD), dois objetos oracionais. O verbo "saber", além de ter complementos, ainda modaliza o discurso do ponto de vista do locutor, expressando dúvida/desconfiança ao que ele expõe, criando uma expectativa depreciativa. Ressaltamos que os dois objetos oracionais, além de introduzidos por [sabe-se lá que], estão vinculados pelo conector aditivo "e".

c) Como um adendo:

- (3) ... a criatura é perigosa. Mesmo acorrentada, pode arrancar dedos inteiros da mão de um homem - e **sabe-se lá que** mais - como fez ao brutal encarregado da segurança, um tipo que acredita que a América é mesmo grande e que Michael Shannon faz com aquele seu rosto ameaçador por fora e sofrido por dentro. (<http://expresso.sapo.pt/cultura/2017-09-01-A-extraordinaria-historia-de-amor-entre-uma-mulher-e-um-deus-anfibio>).

Em (3), [sabe-se lá que] é um adendo entre travessões, como uma estratégia de focalização discursiva. Além disso, é introduzido pela aditiva "e". Trata-se de uma informação extra, fora do fluxo informacional. Porém, a mensagem intercalada ratifica o discurso anterior: "...porque a criatura é perigosa. Mesmo acorrentada, pode arrancar dedos inteiros..." e, ainda, "sabe-se lá que mais"; e o discurso posterior, que menciona que a criatura fez algo até mesmo ao "brutal" encarregado de segurança. Essa microconstrução ratifica e modaliza, em tom de intensificação, aquilo que a criatura pode fazer (o que é corroborado pelo uso de "mais").

2.2 Estatuto verbal de “saber”

Sobre a subparte verbal de nossa microconstrução, verificamos que, em nenhum dos 25 dados analisados, houve a ocorrência desse verbo vinculada a um sujeito específico. Além disso, em todas as instanciações verificadas, esse verbo é utilizado no presente do indicativo e na terceira pessoa do singular.

Trata-se de um verbo de cognição que, discursivamente, sugere um sujeito não específico, e essa inespecificidade é corroborada pelo uso de “se”, na maioria absoluta dos dados, o que reforça a indeterminação desse sujeito. Vejamos o dado (4):

- (4) ... se não fosse o elogio público do Kurt Cobain ao Lead Belly, provavelmente tinha-me emaranhado no «cantautorismo»folk muito mais tarde na vida. Arriscava-me a ter permanecido ávido de mais piadolas adolescentes e perdido irreparavelmente o comboio do passado que me trouxe até este presente. **Sabe-se lá que** t-shirts da feira com cantores malogrados trajaria eu hoje. (<http://blitz.pt/principal/update/2019-04-05-Morreu-o-maior.-Um-texto-de-Samuel-Uria-sobre-Kurt-Cobain-falecido-ha-25-anos>).

Em (4), o locutor escreve sobre Kurt Cobain, da banda Nirvana, iniciando seu discurso com passagens de sua própria experiência como músico até chegar à informação sobre como o artista o influenciou. [Sabe-se lá que] ocorre em posição inicial absoluta de cláusula, iniciando um período, estabelecendo relação de sentido entre o período que o antecede e o introduzido por essa microconstrução, de maneira a exemplificar o período anterior, orientando o discurso (“Arriscava-me a ter permanecido ávido de mais piadolas adolescentes e perdido irreparavelmente o comboio do passado que me trouxe até este presente. **Sabe-se lá que** t-shirts da feira com cantores malogrados trajaria eu hoje”) e ratificando aquilo que antecede a [Sabe-se lá que].

O que vem após essa microconstrução serve de exemplo que justificaria as “piadolas adolescentes” por conta de [sabe-se lá que] roupas o locutor poderia vestir atualmente. Destacamos o uso do conector “que”, que reforça a função conectora da microconstrução em estudo, introdutora da oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo “saber”: “que t-shirts da feira com cantores malogrados trajaria eu hoje”.

Assim, conforme destacamos no início dessa subseção, acerca de “saber”, esse verbo instancia-se no presente do indicativo e não se refere a um sujeito específico. Essa condição afasta o verbo “saber” da prototipicidade da classe dos verbos. Além disso, o verbo na terceira pessoa do singular, acompanhado da partícula “se”, corrobora a indeterminação desse sujeito.

Temos, no entanto, a OSSOD introduzida pela conjunção integrante “que”, cuja função de OD respalda a persistência de “sabe” como verbo transitivo direto. Ressaltamos que essa oração substantiva é argumento introduzido por [sabe-se lá que], o que ratifica a função conectora dessa expressão.

2.3 Estatuto gramatical de “se”

Nas 24 instanciações de [sabe-se lá que], a subparte “se”, que compõe essa microconstrução, é um pronome que, junto ao verbo “saber”, indetermina o sujeito desse verbo. Isso reforça a ideia de intersubjetividade estendida (TANTUCCI, 2021, p. XV), uma vez que essa indeterminação do sujeito amplia o foco do discurso, não fazendo referência direta ao interlocutor, como segunda pessoa.

Segundo o autor, existe uma relação gradiente entre os atos linguísticos que são baseados na consciência intersubjetiva de interlocutores específicos (intersubjetividade imediata) e na consciência da cognição social e da intencionalidade coletiva (intersubjetividade estendida).

A despeito da pouca produtividade de [sabe lá que], apenas um dado, consideramos relevante demonstrar a sua utilização no que se refere à intersubjetividade estendida, como segue:

- (5) ..., aí veio Operação Satiagraha, aí veio as doações ao poste Padilha através da Agropecurária Santa Bárbara, através de Carlos Rodenburg, cunhado de Dantas (e **sabe lá que** outras doações fez). Enfim, é uma relação de amor e ódio. (<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/uma-torre-de-telefonica-para-lula-a-verdadeira-privataria-do-brasil/>).

Em (5), o verbo “sabe” ocorre na 3ª pessoa do singular, no presente do indicativo e sem sujeito, representando, pois, uma “não pessoa”. Portanto, a forma verbal não é utilizada de forma prototípica no que tange à classe dos verbos. Ressaltamos que, na língua portuguesa, o verbo na terceira pessoa do singular, sem o pronome “se”, é uma das estratégias utilizadas para a indeterminação do sujeito. Isso demonstra, segundo Tantucci (2021), que essa microconstrução apresenta um nível de intersubjetividade estendida: não se dirige a um interlocutor específico.

Contudo, há o complemento verbal oracional “que outras doações fez”, o que afere o traço de persistência da categoria-fonte (verbo transitivo direto). Segundo Hopper (1991, p. 22), quando há mudança gramatical de uma forma, algumas características de seu traço lexical original podem permanecer na forma-alvo.

Salientamos que *[sabe lá que]* vem antecedido pela conjunção aditiva “e” e se encontra em um arranjo parentético, fora do fluxo linear discursivo. Essa organização do discurso valida a intersubjetividade estendida mencionada. A oração seguinte: “Enfim, é uma relação de amor e ódio” arremata a inferência do locutor de que algo está, segundo ele, errado, e as palavras “amor” e “ódio” ratificam as contradições emanadas das notícias.

Portanto, apesar da baixa produtividade da forma *[sabe lá que]*, consideramos que tanto ela quanto *[sabe-se lá que]* são exemplares de arranjos que ilustram a intersubjetividade estendida proposta por Tantucci (2021). Ambas as formas não se referem a um sujeito específico.

2.4 Estatuto gramatical de “lá” e de “que”

Nos 25 dados analisados, o elemento pronominal “lá” não indica um lugar concreto, portanto, não se trata de um locativo prototípico que se refere a uma posição espacial concreta. Nos contextos analisados, “lá” refere-se a um lugar virtual e sua indicação é sobre o discurso.

Prosseguindo nossa análise, ainda utilizando o dado (5), o uso de “lá” confere um distanciamento, demonstrando o julgamento depreciativo do locutor em relação às notícias, conferindo ao enunciado um grau de intersubjetividade estendida, nos termos de Tantucci (2021), uma vez que o locutor manipula o comportamento do interlocutor (social).

“Lá” sugere um lócus distante, afastado das convicções do locutor, denotando “ironia” na modalização do discurso: “[sabe lá que] outras doações fez”, afinal, o termo “doações” que deveria inferir algo positivo, nesse trecho inserido por *[sabe lá que]*, “doações” não parece ser algo positivo.

Além disso, o locativo “lá” tem granulidade vasta, concorrendo para um sentido de indefinição e até mesmo pouco caso ou indiferença sobre o que é veiculado pelo locutor. Segundo Batoréo (2000, p. 439), o termo granulidade define “as diferenças nas regiões-de-vizinhança que apresentam os conjuntos cá/lá, por um lado, e aqui/ali, por outro”. O primeiro conjunto denominamos de vasta; o segundo, fina, tendendo para o ponto de origem. A expressão “outras” após *[sabe lá que]* ratifica essa indefinição/indiferença.

Quanto ao “que”, observamos que em relação a todos os dados analisados, seja no arranjo “sabe-se lá que” ou “sabe lá que”, trata-se de conjunção integrante que introduz ora OSSOD, ora SN na função de OD. Essa função do “que” junto às demais subpartes de *[sabe(-se) lá que]* ratifica a função conectora dessa microconstrução.

Em suma, *[sabe lá que]* está no nível do discurso, expressando intersubjetividade em um grau estendido, direcionando o discurso à

genericidade social. Essa expressão é modalizadora, do ponto de vista do afastamento e crítica negativa do locutor em relação à notícia veiculada.

O locutor orienta o interlocutor sobre o que é declarado, no plano argumentativo, o que denota uma importante característica dos conectores: a orientação argumentativa, ainda que o conector tenha traços não prototípicos – como é o caso de [sabe (-se) lá que]. Diante do exposto, consideramos que algumas expressões linguísticas devem ser analisadas conforme a função textual que assumem.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção, apresentamos os pressupostos teóricos da LFCU, base central que sustenta nossa pesquisa. Essa perspectiva teórica conjuga os pressupostos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva, precipuamente no que diz respeito à Gramática de Construções (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 234). Nessa linha, os usos da língua são descritos a partir de realizações concretas, sob a luz dos processos cognitivos de domínio geral (cf. BYBEE, 2016, p. 25).

A LFCU é uma teoria do uso linguístico, implicada na análise de dados efetivos das línguas humanas. Justificamos a escolha desse referencial teórico por conta do nosso objetivo central: analisar a microconstrução [sabe (-se) lá que] na língua em uso.

Nessa vertente, as línguas são concebidas como meios de interação social, dinamizados por interlocutores reais. A interação em sociedade dá-se a partir da utilização de nosso aparato cognitivo, e essa interação é força motriz da variação e mudança linguísticas. Segundo Sousa (2015, p. 86), é premissa, em qualquer vertente linguística funcionalista, que a motivação advinda de fatores externos ao sistema linguístico é ponto primordial para a análise.

Na língua, coexistem aspectos dinâmicos e estáticos. Os dinâmicos referem-se às estratégias utilizadas pelos interlocutores na produção linguística, à individualidade com que cada membro da comunidade se expressa verbalmente. Já os estáticos referem-se ao “conjunto de regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso” (OLIVEIRA; VOTRE, 2009, p. 99).

Tanto os aspectos dinâmicos, quanto os estáticos, são levados em conta nas noções de discurso e gramática, caras à pesquisa funcionalista na vertente da LFCU. Sobre esses aspectos, Bybee (2016, p. 18) assevera que há, nas línguas, regularidade de padrões e, concomitantemente, variações que decorrem em todos os níveis.

Para a LFCU, a sintaxe de uma língua não é autônoma, nem independente de fatores socioculturais. Nessa abordagem, as categorizações conceptuais e linguísticas são análogas (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 56; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016, p. 242). Portanto, o conhecimento de mundo e o linguístico seguem essencialmente os mesmos padrões.

Sobre os processos cognitivos decorrentes das situações de uso da língua, Rosário e Oliveira (2016, p. 236) afirmam que a “cognição, derivada de pressões interacionais e da experiência sócio-histórica, é manifestada contextualmente”. Portanto, há de se considerar toda a situação envolvida na manifestação linguística, decorrente do ato interativo, envolvendo sujeitos imbuídos de propósitos e peculiaridades sócio-históricas. Assim, reconhecemos a microconstrução [sabe (-se) lá que] como um conector forjado pelas necessidades sociocomunicativas.

No que tange à abordagem Construcional da Gramática, três fatores devem ser considerados: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade (cf. TRAUGOTT, TROUSDALE, 2021, p. 44; ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016, p. 244). A esquematicidade refere-se ao nível de abstração das construções. Os pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou específicos, havendo pontos intermediários a serem considerados. A produtividade refere-se à extensão da construção, associada a possíveis sanções e restrições, e aferida por meio da frequência *type* e *token*⁵. A composicionalidade é o grau de transparência entre forma e significado das construções, de natureza semântica ou sintática. Quanto maior o grau de composicionalidade, mais as partes que compõem essa construção mantêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte.

Segundo Traugott e Trousdale (2021, p. 40), construção é o pareamento forma-significado, pensado em termos de várias dimensões (tamanho, especificidade fonológica e conceito), todas gradientes. Debruçados em análises de dados reais de interação, observamos, conforme Traugott e Trousdale (2021, p. 48) afirmam, a possibilidade de se postular uma hierarquia construcional, com diferentes níveis de organização da construção, que se alternam entre os mais abstratos e os mais concretos. A hierarquia proposta pelos autores corresponde ao esquema, ao subesquema e à microconstrução.

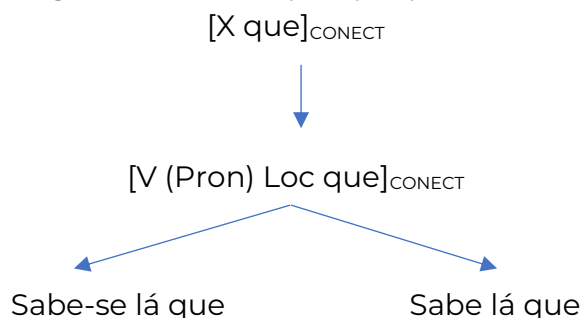
Segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 244), o esquema compõe o nível mais alto da rede construcional. É uma generalização taxonômica, apontando para padrões de experiência rotinizados, portanto, mais virtual e

⁵ Segundo Traugott e Trousdale (2021, p. 51), alguns trabalhos fazem distinção importante entre frequência *type* (de tipo) e *token* (de constructo). A frequência *type* diz respeito ao número de diferentes expressões de um padrão particular; a *token*, ao número de vezes em que a mesma expressão ocorre no texto.

abstrato. Em nível intermediário, está o subesquema, que é parcialmente preenchido. No nível mais baixo da rede, está a microconstrução, totalmente especificada e instanciada no uso por meio de construtos.

Tomando por base a microconstrução estudada, a hierarquia proposta pelos autores pode ser ilustrada conforme segue:

Figura 1 – Hierarquia proposta



Fonte: adaptada de Rosário e Oliveira (2016).

A organização das construções é representada por uma hierarquia composta por três níveis: esquema > subesquema > microconstruções. Dessa forma, o esquema é representado pela construção [X que]_{CONNECT}; o subesquema, pela construção [V (Pron) Loc que]_{CONNECT}. As microconstruções são os conectores instanciados nos dados empiricamente comprovados, como é o caso de “sabe-se lá que” e “sabe lá que”.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* escolhido para o levantamento de [sabe (-se) lá que] é o *Corpus* do Português NOW (DAVIES; FERREIRA, 2006), que abrange os anos de 2012 a 2019 e que compreende o português do Brasil (14 dados) e de Portugal (11 dados).

Pelo número reduzido de instâncias do objeto desta pesquisa, no *Corpus* do Português NOW, durante os anos de 2012 a 2019, optamos pela análise de cunho qualitativo dos 25 fragmentos que instanciaram [sabe (-se) lá que]. Destacamos que a microconstrução [sabe lá que] ocorreu apenas uma vez. Já [sabe-se lá que] mostrou-se mais produtiva, com 24 instâncias. Contudo, ressaltamos que foi realizada uma breve análise quantitativa, destacando a frequência *token* de [sabe (-se) lá que], seus valores semântico-pragmáticos, bem como as posições em que é instanciado, conforme demonstrado, a seguir, na Tabela 1.

A escolha do *corpus* de notícias da *web* proporciona uma análise sobre as instanciações sincrônicas da microconstrução pesquisada em contextos de uso cujos discursos são mais distensos. Por se tratar de uma pesquisa ainda inicial, não concluímos, *a priori*, que esse seja um elemento mais recorrente em textos menos ou mais formais. Isso será verificado na continuidade desta pesquisa.

Dessa forma, observamos as instanciações de [sabe (-se) lá que] na função de conector não prototípico da língua portuguesa atual, verificando seus usos sintáticos (posições na cadeia sintática) e semântico-pragmáticos em textos provenientes de jornais e revistas da *web*.

Consideramos as instanciações de [sabe (-se) lá que] conforme a posição em que é utilizado nos textos. Após esse levantamento, procedemos às análises dos valores semântico-pragmáticos atribuídos a esse elemento de ligação.

Sintaticamente, constatamos o uso de [sabe (-se) lá que], na função de conector textual, em 6 posições: no interior de SN, inicial (absoluta e não absoluta), intermediária (intra e interclausal) e parentética. Quanto ao viés semântico-pragmático, esse elemento coesivo correlaciona porções textuais, modalizando o discurso, inferindo valores depreciativos, impondo dúvida/especulação ao interlocutor, muitas vezes agregando um tom de ironia ao que se declara. Em apenas dois dados foi aferido um valor positivo/apreciativo.

5 ANÁLISE DE DADOS

Verificamos o total de 25 instanciações de [sabe (-se) lá que] e, em todas, foram detectadas funções conectoras não prototípicas. Dessa frequência *token*, 23 correspondem ao valor depreciativo dessa microconstrução e duas correspondem ao valor apreciativo. Em todas as instanciações, o sentido maior de “dúvida”, através de suposições inferidas ao interlocutor, pautado no questionamento inerente às subpartes de [sabe (-se) lá que], é flagrante.

Na Tabela 1, cruzamos esses valores às diferentes posições assumidas por [sabe (-se) lá que]:

Tabela 1 — Frequência *token* dos valores semântico-pragmáticos de [sabe (-se) lá que] em diferentes posições

“[SABE (-SE) LÁ QUE]”							
Valores semântico-pragmáticos	Posições						Total
	Interior de SN	Inicial		Intermediária		Parentética	
		Absoluta	Não absoluta	Intra clausal	Inter clausal		
I)Depreciativo/irônico		2		6	1	2	11
II) Depreciativo/Intensificador	1		1	3	1	1	7
III) Depreciativo	1			3		1	5
IV) Apreciativo/Intensificador				1	1		2
Totais Posições:	2	2	1	13	3	4	25

Fonte: elaboração própria.

Sobre as posições de [sabe (-se) lá que], a Tabela 1 demonstra maior produtividade dessa microconstrução em posição Intermediária (Intra/Interclausal): 64% (16 dados) dos 25. Além disso, constatamos que a posição Intermediária Intraclausal foi a mais produtiva: treze instanciações.

Quanto aos valores semântico-pragmáticos, aferimos: I) Depreciativo/irônico (11); II) Depreciativo/intensificador (7); III) Depreciativo (5); IV) Apreciativo/intensificador (2). Os valores de cunho “depreciativo” equivalem a 92% dos usos. Já os de cunho “apreciativo” equivalem a 8%. Ilustramos a seguir o uso de [sabe (-se) lá que] nas posições flagradas desse elemento (5.1) e seus valores semântico-pragmáticos (5.2).

5.1 Posições de [sabe (-se) lá que]

a) Interior de SN:

- (6) (...) Glass já esteve em Portugal pelo menos uma vez no passado. O adepto dos Portland Timbers e amante dos Eagles pode mudar-se em breve de armas e bagagens para Lisboa. # Anónimo Há 1 semana # Amante de a natureza com carabina, caçadeira e **sabe-se lá que** mais. É tão amante de a natureza como os esquerdistas são amantes das pessoas quando questionam: (...) <http://www.jornaldenegocios.pt/economia/mundo/americas/detalhe/ex-banqueiro-catolico-e-amante-da-natureza-a-escolha-de-trump-para-embaixador-em-portugal>).

Em (6), o objeto desta pesquisa encontra-se no interior de um SN e antecedido pela aditiva “e”, servindo de tema ao comentário subsequente. Ressaltamos que esse foi o único dado em que constatamos essa posição de [sabe (-se) lá que].

b) Inicial Absoluta:

- (7) ...João também teria tentado colocar a mão embaixo da saia dela. O caso nunca foi ao tribunal; um de seus associados incentivou a mulher a desfazer as acusações. **Sabe-se lá que** incentivos foram esses. O que João tem a dizer em sua própria defesa?
(<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-unico-milagre-de-joao-de-deus-um-charlatao-milionario-foi-enganar-tanta-gente-por-tanto-tempo/>).

Em (7), [Sabe-se lá que] inicia um período, correlacionando-o com todo o discurso anterior. A expressão em estudo insere um argumento de cunho depreciativo/irônico, tendo em vista que uma das vítimas de João de Deus desistiu de denunciá-lo depois do “incentivo” de um de seus associados. O vocábulo “incentivo”, originariamente, denota algo positivo. No entanto, no contexto em que é utilizado, refere-se a algo desaprovável.

c) Inicial Não Absoluta:

- (8) "Ele me enviou a mensagem dizendo que estava a ponto de enviar meu vídeo para meus familiares via Facebook se não pagasse. Eu disse: 'Vá em frente. Envie!' " # " Eu não poderia pagar os 2 mil euros. Isso passaria para 5 mil e depois **sabe-se lá que** valor ele iria querer. Ele ficou indignado e começou a me enviar insultos e dizer que iria mandar meu vídeo para minha mãe e todos que conheço " (...).
(<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/10/golpe-via-skype-visa-arabes-com-proposta-de-sexo-online.html>).

Em (8), a microconstrução conectora é recrutada no início da cláusula, porém, é introduzida pelo elemento adverbial “depois” e, portanto, em uma posição inicial, mas não absoluta.

d) Intermediária Intraclausal:

- (9) (...). Dito isto, interrogo-me se os miúdos do oitavo e do nono ano não viram já na televisão, cinema (olá Guerra dos Tronos?!) cenas sexualmente explícitas, violência entre homens e mulheres, e **sabe-se lá que** mais nesse mundo cruel e democrático a que chamamos internet.
(<http://24.sapo.pt/opiniao/artigos/socorro-os-meus-filhos-leram-valter-hugo-mae>).

Em (9), [sabe (-se) lá que] encontra-se no interior de cláusula e introduzido pela aditiva “e”, fazendo parte de uma sequência de informações e intensificando a informação subsequente, orientando o discurso.

e) Posição Interclausal:

- (10) (...) eutanásia - É numa situação destas que, para além dos cuidados médicos possíveis, uma atitude de amor pode fazer milagres no coração de quem sofre, porque o amor está para além de qualquer forma de religião e é sempre uma forma de teofania... Para além da tranquilidade que induz, pois o amor é o mais poderoso analgésico natural, **sabe-se lá que** milagres ele pode fazer...
(<https://www.diariodominho.pt/2018/06/17/ainda-sobre-a-eutanasia/>).

Em (10), [sabe-se lá que] vem em posição interclausal (entre cláusulas), introduzindo argumento (OSSOD), de modo a tomar como verdade o discurso anterior: “Para além da tranquilidade que induz, pois o amor é o mais poderoso analgésico natural”.

f) Posição Parentética:

- (11) (...) segundo ele, "o Legislativo foi perdendo a capacidade de antever problemas da vida e dar soluções". Portanto, segundo esse raciocínio, nada mais natural que os magistrados, de vez em quando, legislem – em respeito a **sabe-se lá que** interesses. Como resultado, o Supremo, a despeito do que o formalismo de suas sessões e a linguagem empolada de seus membros sugerem, (...)
(<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,a-hora-escura-do-supremo,70002253503>).

Em (11), [sabe-se lá que] vem no interior de informação destacada por travessão, atendendo aos propósitos comunicativos do autor do texto. Trata-se de uma “estratégia de focalização com função argumentativa” nos termos de Decat (2004, p. 80). Nessa estrutura, o uso do sinal gráfico “travessão” sinaliza o foco a ser dado pelo leitor ao discurso e, conseqüentemente, à orientação crítica do autor a respeito do discurso anterior e de toda a matéria.

Ao utilizar [sabe-se lá que] para introduzir o SN “interesses”, o locutor confere verdade à sua crítica, demonstrando um tom de ironia e distanciamento (uso do “lá”) induzindo o leitor a concordar com ele, ao colocar em dúvida a licitude dos “interesses”.

Além disso, no início do período que instancia [sabe-se lá que], o autor conclui sobre a naturalidade dos magistrados legislarem “de vez em quando”, o que acentua o tom de ironia, já que não cabe ao Judiciário legislar. Dessa forma, [sabe-se lá que] orienta o texto, correlacionando o discurso anterior e posterior, conduzindo o leitor à aceitação da opinião (negativa) do locutor sobre o assunto em pauta.

5.2 Valores Semântico-Pragmáticos de [sabe (-se) lá que]

Nessa subseção, apresentamos os valores atribuídos a [sabe (-se) lá que], conforme as propriedades contextuais e as condições discursivo-pragmáticas em que é instanciado.

a) Depreciativo/irônico:

- (12) ... Sem o artifício dos holofotes e longe dos debates (?) eleitorais, não sei o que pensa, vê ou sente “municipalmente” o sempre nestas ocasiões útil país real. Provavelmente nada e fará bem: ou muito me engano ou pouco se alterará. O país, montado na geringonça, anda feliz e quem não vive feliz a rolar no crédito? Para quê dar-se ao trabalho de ir votar ou arriscar mudanças de “rumo” ou **sabe-se lá que** outras trapalhadas? E assim sendo tudo se confina ao interior das ferventes moradas partidárias e às específicas circunstâncias de cada uma delas: à esquerda a perene batalha entre o BE e o PCP com um (ilusoriamente?) olímpico PS a pairar sobre a desabrida luta; à direita, a estupidíssima (para ambos) concorrência (...).
(<http://observador.pt/opiniao/os-omissos-os-festivos-o-leve-o-ventriloquo-e-a-indecencia/>).

Em (12), [sabe-se lá que] insere o SN "outras trapalhadas", OD de “saber”, modalizando o discurso em tom de ironia e depreciação diante da situação atual do país (geringonça) e vem antecédida pelo conector alternativo "ou" - o que demonstra que a situação pode mudar de "rumo" ou permanecer com as "trapalhadas". Além disso, há, no discurso, perguntas retóricas que corroboram o sentido atribuído à microconstrução nesse contexto. [Sabe-se lá que] insere-se em uma oração interrogativa, contribuindo para a intersubjetividade ao conduzir o interlocutor à reflexão sugerida pelo locutor.

b) Depreciativo/intensificador:

- (13) Intromissão indevida# A Câmara de Vereadores de Florianópolis debateu projeto de lei que obriga petshops a instalar câmeras em o local onde os cães e gatos tomam banho. (...) O propósito desse texto não é alongar o debate sobre a necessidade ou não desse tipo de vigilância. O ponto a discutir é outro: a necessidade que muitos gestores públicos e burocratas têm de legislar ou interpretar leis e normas que dizem respeito ao empreendimento privado. # O empresário brasileiro sofre com um cipoal de leis e normas e regras e normatizações e estatutos e decretos e regulamentações e disposições e **sabe-se lá que** outras figuras jurídicas. Nesse emaranhado, não é pequeno o número de determinações que "invadem" áreas da gestão de um negócio que deveriam ser de responsabilidade do empreendedor.
(<http://dc.clicrbs.com.br/sc/vozes/noticia/2017/08/intromissao-indevida-9873282.html>).

Em (13), "sabe-se lá que", após uma enumeração de SN de cunho jurídico, introduz o sintagma "outras figuras jurídicas" que resume todos os

SN anteriormente mencionados no texto. Além disso, o uso do conector "e", que introduz o elemento pesquisado e é utilizado em um contexto de sequência de adições, que concorre para a intensificação, leva o interlocutor a refletir acerca dos excessos que envolvem as demandas empresariais.

O locutor critica esse excesso e julga que se trata de uma "intromissão indevida" da Câmara dos Vereadores, cujo projeto de lei aprovado apenas aumenta o que ele chama de "cipoal de leis". O vocábulo "cipoal" já remete ao excesso criticado pelo locutor. A expressão estudada está no interior de uma oração absoluta e introduz um SN ("outras figuras jurídicas"), modalizando o discurso de forma a demonstrar o exagero/excesso da atuação da Câmara dos Vereadores.

c) Depreciativo:

- (14) #Acerca da prisão preventiva, a que José Sócrates foi sujeito, é escrito: "Prende-se para melhor se investigar. Prende-se para humilhar, para vergar. Prende-se para extorquir, **sabe-se lá que** informação". O excerto é transcrito de um texto enviado ao Diário de Notícias a 4 de dezembro de 2014. # A página torna a citar partes de a correspondência pessoal que Sócrates terá trocado com amigos enquanto preso.
(<https://sol.sapo.pt/artigo/550561/socrates-a-conquista-das-redes-sociais->).

Em (14), [sabe-se lá que] vem bastante vinculado ao SN "informação", OD de "extorquir". Nesse excerto, não se pode apenas dizer que o verbo "saber" tem como complemento o SN "informação", e sim que esse elemento faz parte do OD ("sabe-se lá que informação"), que tem o tom de desaprovação do locutor quanto à mensagem por ele veiculada.

O autor do texto, nos períodos anteriores, afirma que "Prende-se para melhor se investigar". Na sequência, o discurso muda com o período "Prende-se para humilhar, para vergar". E, de modo a inferir sua adesão ao sentimento de injustiça sobre a prisão de Sócrates, o autor completa: "Prende-se para extorquir, sabe-se lá que informação".

Note-se que o OD "sabe-se lá que informação" se encontra separado por vírgula do verbo "extorquir". Assim, concluímos pela independência sintática de [sabe-se lá que] por defendermos que se for retirado, não haverá prejuízo sintático ou semântico, e sim pragmático, uma vez que essa expressão tem função marcadora discursiva.

- (15) Bagunça eleitoral - Não seria surpreendente, portanto, que o pleito do PP e do Podemos seja bem-sucedido. #Se isso acontecer, esses partidos, e outros tantos com o mesmo perfil, terão ainda mais poder para barganhar seu apoio na eleição deste ano. Terão, à sua disposição, recursos e tempo de TV para oferecer a partidos maiores em troca de **sabe-se lá que** benefícios em o futuro governo.
(http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,bagunca_eleitoral,70002315579).

Em (15), [sabe-se lá que] instancia-se em posição intermediária intraclausal, no interior de cláusula final. A finalidade mencionada na cláusula refere-se aos recursos e ao tempo de TV que, a bem da verdade, deveriam ser utilizados para que propostas dos partidos fossem veiculadas em prol do conhecimento do povo.

Podemos observar uma relação semântico-pragmática nos discursos antecedente e subsequente a [sabe-se lá que]. Segundo Koch (2015, p. 166-167), nesse contexto, essa microconstrução desempenha a função de um articulador metaenunciativo, que comenta a própria enunciação e, mais precisamente, do tipo modalizador epistêmico, assinalando o grau de comprometimento e engajamento do locutor em relação a seu enunciado, bem como o grau de (in)certeza.

- (16) #Antes dessa instrução normativa do TCU, o processo de licitação passava por cinco estágios, durante os quais o governo poderia encaminhar as informações e os documentos exigidos pelos órgãos de controle ao mesmo tempo que organizava a disputa. Agora, isso não é mais possível, e a licitação só poderá ser marcada após a posse do novo presidente da República – munido de **sabe-se lá que** ideias sobre privatizações e sobre o setor de petróleo. # O dano, neste caso, é variado.
(<https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,intromissao-danosa,70002377585>).

Em (16), [sabe-se lá que] está instanciado em posição parentética, em cláusula apositiva reduzida de particípio, que serve de argumento (em relevo) para a crença do locutor acerca dos possíveis danos causados pela perda do prazo da citada licitação. Portanto, há uma relação entre o discurso anterior e o que vem após a [sabe-se lá que], uma vez que o assunto sobre licitações se refere às privatizações e ao setor de petróleo. Ressaltamos que, como em (14) e (15), apesar da independência sintática de [sabe-se lá que], correspondente a um traço de função marcadora discursiva, não descartamos o viés modalizador dessa microconstrução, nos termos de Koch (2015).

d) Apreciativo/intensificador:

- (17) A mãe # Crônicas | 05/11/2018 02: 06 #A verdade é que nunca envelheceste. Nem hoje, no momento em que a tua idade e a nossa dizem já da passagem do tempo. #Guardas ainda essa luz nos olhos, a iluminar **sabe-se lá que** sonhos. Porque sei que ainda sonhas. É impossível ir contra essa profunda natureza de quem levou a vida assim pela mão de uma coisa sempre por vir. # Há dias falámos da tua juventude, da tua juventude ainda de hoje. Sim, que já te doem as costas e começam a doer aqueles lugares que antes não sentias. Mas continuas a sonhar, isso eu tenho a certeza...
(https://www.jm-madeira.pt/cronicas/ver/574/A_mae).

Em (17), [sabe-se lá que], em posição intraclausal, no interior de oração apositiva reduzida de infinitivo, não introduz um argumento de cunho negativo. Ao contrário, modaliza o discurso dando ênfase e relevo (positivos/apreciativos) ao SN a que se antepõe, “sonhos”, intensificando o seu sentido e indicando que essa mãe (da crônica) ainda sonha e que seus sonhos parecem longe de cessarem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi realizar um estudo funcional de [sabe (-se) lá que], com base em aspectos sintáticos (a posição desse elemento no discurso) e em seus valores semântico-pragmáticos, compreendidos na noção geral de dúvida/especulação/intensificação, inferindo valores apreciativos ou depreciativos, a fim de confirmar a nossa hipótese central de sua função conectora textual.

Sob o viés da LFCU, constatamos que [sabe (-se) lá que] é uma microconstrução, cuja função conectora textual é possível de ser aferida em termos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Isso vai além do que é tradicionalmente postulado acerca dos elementos coesivos, dentro do limite das orações coordenadas e/ou subordinadas.

No *corpus* selecionado, cujos textos são de domínio jornalístico mais distensos, constatamos que [sabe (-se) lá que] pode atuar no discurso com função conectora, estabelecendo relações de sentidos entre as partes do texto e atuando na intersubjetividade, ora de forma apreciativa, ora de forma depreciativa. Essa microconstrução contrai variados valores semânticos, o que corrobora nosso ponto de vista, calcado em uma visão gradiente de gramática.

Visando a uma descrição mais completa e pormenorizada desse elemento, essa pesquisa inicial apontou para o seu uso como conector não prototípico da língua portuguesa atual e, portanto, ainda proscrito em nossa teoria gramatical. Entretanto, com esta pesquisa, esperamos ter contribuído para que um passo tenha sido dado nessa grande seara, que contempla os conectores não prototípicos, porém forjados na interação.

REFERÊNCIAS

- ARENA, A. B. **Construcionalização do conector daí que em perspectiva funcional centrada no uso**. 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2015.
- BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**. 2006. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SN's "soltos" como estratégia de focalização e argumentação. **Veredas – Revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, 2004. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap06.pdf>. Acesso em: 05 set. 2022.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2. ed., 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, Natal/RN, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410>. Acesso em: 10 out. 2022.
- HOPPER, Paul. On the Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (org.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1991. p. 17-35. V. 1.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed., São Paulo: Cortez, 2015.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2017.
- OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. **Matraga**, Rio de Janeiro v. 16, n. 24, p. 97-114, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/27798>. Acesso em: 3 set. 2022.
- RAMOS, N. da S. **Usos semântico-pragmáticos de aliás**: Uma análise centrada no uso. 2019. 92 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2019.

RODRÍGUEZ, C. F. Macrosintaxis y lingüística pragmática. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, Sevilha: CLAC 71, p. 5-34, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320213688_Macrosintaxis_y_linguistica_pragmatica. Acesso em: 1 maio 2022.

ROSÁRIO, I. C.; NOVO, I. R. Análise funcional dos conectores EM VEZ DE e AO INVÉS DE no Português Brasileiro contemporâneo. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 130-148, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/14978>. Acesso em: 18 set. 2022.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/xMRhGvkVH7QyvX4QqPWL3Hf/?lang=pt&format=pd>. Acesso em: 2 jul. 2022.

ROSÁRIO, I. C.; SAMBRANA, V. R. M. Análise funcional da construção conectora contrastiva “mas olha”. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 216-234. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/54267>. Acesso em: 2 set. 2022.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Manual do candidato**: português. 2. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-123522/manual-do-candidato---portugues>. Acesso em: 1 jun. 2021.

SOUSA, G. C. de. Motivações pragmático-discursivas: definição e fatores de análise. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). **Linguística centrada no uso – teoria e método**. 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

SOUZA, T. B. **Conectivos coordenativos portugueses**: por um estudo do sentido no universo textual. 2008. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2008.

TANTUCCI, V. **Language and Social Minds**. The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity. New York: Cambridge University Press, 2021.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

RAMOS, NICE DA SILVA.
ESTUDO FUNCIONAL SOBRE A
MICROCONSTRUÇÃO (SABE(-SE) LÁ QUEL
COMO CONECTOR NA LÍNGUA PORTUGUESA
CONTEMPORÂNEA.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1,
E25S9, P. 164-185, JAN.-ABR./2023 DOI:
10.22168/2237-6321-125S9